



JMJ
Rio2013



ITINERÁRIO CATEQUÉTICO

Rumo à JMJ Rio2013

Catequese V

Introdução

Ser discípulo é não temer...

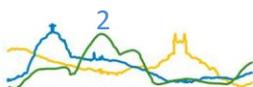
Jesus não quer atuar sozinho. Começa a chamar discípulos que o acompanhem na missão de construir o Reino de Deus. Tudo começa na Galileia e é neste lugar que escolhe os primeiros discípulos.

Encontra os primeiros quatro discípulos junto do mar da Galileia ou de Tiberíades, ocupados nos trabalhos da pesca. Mais à frente vê Levi (Mateus) sentado no posto de cobrança. Jesus procura cada um no lugar em que se encontra. Os pescadores voltarão a pescar mais vezes, porque é um trabalho honesto, mas Levi abandonará o seu trabalho, porque pode ser acusado de roubo. Jesus pede-lhes que rompam com o passado (as profissões que têm) e iniciem uma vida nova. Jesus não lhes diz o que vão fazer, apenas diz *“Vinde comigo”, “Segui-me”, “Farei de vós pescadores de homens”*.

Os Doze representam o novo Povo de Deus, que deve reunir todos os povos, tribos e nações. Todos são enviados. Isto significa que todos devem sentir a responsabilidade da evangelização e que ninguém se pode julgar dispensado.

Têm de praticar o que vão anunciar e a sua primeira pregação é o testemunho de vida. O não vestirem duas túnicas é para não se parecerem com os ricos, que as vestiam por se julgarem mais importantes. São enviados com a maior pobreza, porque a única riqueza que têm é a de Cristo.

Esta ausência total de meios materiais é já um grito muito forte perante uma sociedade que procura estes mesmos bens materiais, e não podemos ter medo de afirmar, a partir das nossas atitudes, que o importante não é o “ter” mas sim o “ser”. Com esta atitude, os Doze pedem uma conversão. O importante não é a túnica nem o báculo, mas estes são sinais que nos levam a realidades bem mais profundas.





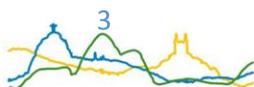
Se os Doze também recebem o poder de expulsar os demónios é porque podem vencer o espírito do mal. Daqui resulta, ainda, uma última exigência: *“Se não vos escutarem num sítio, ide para outro lugar”*. O Senhor convida e deixa sempre espaço para a liberdade, não impõe a Sua mensagem, mas deixa um espaço para que se aceite livremente. Este foi sempre, desde o início, o destino da mensagem de Jesus: Uns aceitam-na e outros recusam-na. Às vezes, somos desprezados, não somos aceites porque as nossas atitudes em nada se parecem com o Evangelho. Não vamos sem dinheiro, sem pão nas mãos, apenas com uma túnica... Queremos outros apoios humanos: comodidades, prestígio, aliança com os poderosos.

A Igreja, continuadora da missão de Jesus, deve ser também libertadora de tantas escravidões que o homem de hoje sofre. Todos devemos possuir um autêntico sentido profético, o Espírito de Cristo Ressuscitado que nos dá força para denunciar o mal e conquistar um verdadeiro espírito de liberdade interior.

Ser discípulo é, como vemos no chamamento que Jesus faz aos primeiros discípulos, não ter medo das consequências que virão do sim que damos ao Senhor. Foi isto que levou o beato João Paulo II a afirmar no início do seu pontificado para não termos medo de abrir o nosso coração a Cristo ou o Papa Francisco a dizer que quando *«caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor»*.

+ António Manuel Moiteiro Ramos

Bispo auxiliar de Braga



João Paulo II

Ser discípulo é não temer...

JOÃO PAULO II, A CORAGEM DO DISCIPULADO

O grito com que inaugurou o seu pontificado poderia bem ser assumido como síntese da vida de João Paulo II: «Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo! [] Não tenhais medo! Cristo sabe bem "o que está dentro do homem". Somente Ele o sabe!» No eco deste repto, perpassam os tons dos grandes encontros com Deus. É esse convite ousado a não ter medo de se abrir a Deus, a não ter medo de sair desinstalado, que inaugura a história de desinstalação de Abraão (*Gen 15,1*), que sela a experiência do povo de Israel (*Is 41,10*), que faz irromper o Verbo no seio de Maria (*Lc 1,30*), que faz de pescadores discípulos amados, arautos de uma notícia que transformará o mundo (*Lc 5,10*). O Deus presente há-de afastar o medo e a timidez, a dúvida e o desespero e fazer irromper vida nova. É desta abertura corajosa a Cristo que nos fala João Paulo II. Nas suas palavras e na sua vida.

A vida de Karol Wojtyła, aquele que viria a ser o Papa João Paulo II, leva a marca da coragem de quem se compromete num projecto de vida ao jeito de Jesus Cristo. Nascido em 1920, no sul da Polónia, e órfão de mãe desde muito novo, Karol ver-se-á forçado à clandestinidade da sua formação cristã. Ordenado em 1946, desde cedo aposta no trabalho com os jovens e no estudo da fé. Sagrado bispo de Cracóvia com apenas 38 anos de idade, acolhe-se nas mãos daquela que primeiro abriu, confiante, o seu coração a Cristo, Maria; no lema que escolhe – *Totus tuus*, «todo teu» - propõe-se a uma vida de confiança ao jeito da mãe de Jesus. Virá a participar nos trabalhos do Vaticano II e, em 1978, é eleito Bispo de Roma.

É desse momento o convite ousado lançado ao mundo: «Não tenhais medo! Escancarai as portas a Cristo!» João Paulo II sabe do que fala. É à confiança que deposita no Mestre, que deu já frutos de vida abundante na sua própria vida, que o Papa desafia as mulheres e os homens. Desafia como quem vive dessa confiança.

Recordemos essa vida destemida em cinco imagens, que evocam outras tantas facetas do discipulado cristão.

A coragem de evangelizar

Ajoelhado a beijar o chão ou mergulhado na multidão, João Paulo II será recordado como Papa peregrino. Calcorreando os caminhos do mundo, o Papa abraça a humanidade com a proposta de Cristo. A mensagem que oferece é a de sempre, a de Cristo, mas relançada ao homem de hoje. Como ressoa no repto que lançou, um dia, aos jovens: «Jovens de todos os continentes, não tenhais medo de ser os santos do novo milénio! Sede contemplativos e amantes da oração, coerentes com a vossa fé e generosos no serviço aos irmãos, membros vivos da Igreja e artífices de paz.»

É a coragem de anunciar a boa notícia.

A coragem do perdão

É talvez a cena que mais retemos de João Paulo II. A 13 de Maio de 1981, o Papa é baleado em plena Praça de S. Pedro. Chocado, o mundo reza pela recuperação do Papa, que miraculosamente escapa a uma morte tida como certa. Ainda no hospital, pede: «Rezai pelo irmão que disparou contra mim, e que eu perdoei sinceramente.» Linguagem estranha aos ouvidos do mundo, só perceptível por um ouvido habituado ao Evangelho. Dois anos mais tarde, o inesperado: João Paulo II visita, na prisão, o homem que o tentara assassinar. Sentados, um ao lado do outro, na intimidade das palavras trocadas no segredo de uma cela, o Papa oferece o dom de uma nova oportunidade. São palavras de perdão, as que o Papa oferece. Sem temer a vulnerabilidade desse amor incondicional ao «inimigo». A coragem de perdoar que é também a de pedir perdão. No limiar do novo milénio, a 12 de Março de 2000, o Papa pede e oferece perdão ao mundo: «Pela parte que cada um de nós, com os seus comportamentos, teve nestes males [de hoje], contribuindo para deturpar o rosto da Igreja, pedimos humildemente perdão. Ao mesmo tempo, enquanto confessamos as nossas culpas, perdoamos as culpas cometidas pelos outros em relação a nós.»

É a coragem de começar de novo.

A coragem da paz

João Paulo II é reconhecido pela sua defesa dos direitos humanos, pela coragem de apontar o dedo à opressão política, pela promoção da paz entre os povos. Os encontros de Assis são o símbolo dessa sua força dinamizadora dos povos ao encontro da paz. A convite do Papa, reuniram-se em Assis, a 27 de Outubro de 1986, representantes das diferentes igrejas cristãs e das religiões de todo o mundo, para um dia de encontro e de oração. «Pela primeira vez na história, – dizia João Paulo II, no final do encontro – juntamo-nos vindos de toda a parte, Igrejas Cristãs e Comunidades Eclesiais, e Religiões do Mundo, neste lugar sagrado dedicado a São Francisco, para testemunhar diante do mundo, cada um de acordo com a sua convicção, a qualidade



transcendente da paz.» O espírito de Assis ecoa ainda, e a esperança de um mundo capaz de acolher a diferença e de construir a paz tem tudo de profético.

É a coragem de acolher o outro.

A coragem de defender a vida

Pouco tempo antes da sua morte, já extremamente debilitado, João Paulo II tem ainda forças para, da janela do Hospital, apontar a *vida* a um mundo dominado pela *cultura da morte*: «É necessário ter confiança na vida! [] O desafio da vida é o primeiro dos grandes desafios da humanidade de hoje!» As suas palavras de então recordam-nos o *evangelho da vida* que determinantemente proclamou durante todo o seu pontificado: a boa nova da dignidade, da grandeza e do valor de cada vida humana. Porque a defesa da vida é proclamação do Evangelho.

É a coragem de viver em abundância.

A coragem no sofrimento

A imagem de um Papa debilitado marca também o álbum da vida de João Paulo II. Mas a coragem do jovem Papa que desafiava o mundo a abrir-se a Cristo sem medo podemos reconhecê-la no Papa debilitado pela idade e pela doença. Paradoxalmente, quando a sua voz era já dificilmente perceptível, o seu sofrimento visível deu voz ao evangelho da alegria e da coragem de uma vida entregue a Cristo. Quando a voz se cala, fala ainda o dom de si, no sofrimento, no esvaziamento total de si, na abertura incondicional a Deus e aos irmãos.

É a coragem de se identificar com o Servo Sofredor.

Viver o discipulado de Cristo como quem não teme a santidade. É dessa coragem que nos fala a vida de João Paulo II. Lembrando o seu antecessor, Bento XVI dizia que «toda a vida do venerável João Paulo II decorreu sob o signo da caridade, da capacidade de se doar com generosidade, sem reservas, sem medida, sem cálculos. O que o movia era o amor a Cristo, ao qual tinha consagrado a vida, um amor superabundante e incondicionado.» O desafio, abraçado por João Paulo II e feito convite a cada um, é o de abrir, melhor, escancarar sem temor as portas da nossa intimidade à força transformadora de Cristo.

Pedro Valinho Gomes

